

D. João Carlos de Bragança, duque de Lafões

I

O sr. D. João Carlos de Bragança, filho dos duques de Lafões, sangue duas vezes illustre das antigas e nobilissimas casas de Arronches e de Ligne, nasceu no anno de 1719. Por ser filho segundo, destinava-o seu tio, el-rei o sr. D. João V, ao estado ecclesiastico, do qual, na infancia ainda, chegou a tomar habito. N'este originario intuito lhe começou a educação litteraria, que tanto veiu depois a distinguil-o.

Tendo completado o seu curso de humanidades, seguiu em Coimbra o de direito canonico. A sua vocação para a vida ecclesiastica era, porém, mais que duvidosa, e não tal como lh'a desejava o seu real protector. Chamavam-n'o as desenvolturas de mancebo; nascêra na corte e para a corte; attrahiam-n'o os exercicios corporaes, em que foi excellente; eram-lhe enlêvo as artes nobres, as linguas e as bellas-letras.

Não o dispunham muito similhantes prendas e predicados para o baculo que do throno lhe estava a acenar, ainda que não raros prelados sabiam então alliar ao serviço da egreja as mais temerarias mundanalidades.

Ás naturaes fidalguias, e á affavel jovialidade que o tornava de todos tão procurado, juntava o moço principe mui notavel agudeza de espirito e grande propensão ao epigramma, que poucas vezes perdoava a qualquer vicio ou ridiculo.

Com o sr. D. José I começára um reinado de grandes e severas reformas. As prodigalidades devotas do sr. D. João V imperiosamente as exigiam, e bem depressa a dissolução que se generalisava e uma assombrosa catastrophe as tornaram mais urgentes. Mudára o aspecto da corte. Presentia-se uma edade nova. Sob a mão vigorosa, posto que ás vezes cruel, de um ministro ousado, os fôros da nobreza, a miudo exorbitantes e nem sempre pacificos, eram forçados a abaixar-se ante o formidavel poder magestatico, assim constituido arbitro unico, sem compensador e sem responsabilidade. Começava por este modo a emancipação das classes subalternas. Começava, como sempre, como em toda a parte, por aquella admiravel lei providencial que faz d'esses capitulos soltos do despotismo pessoal o constante, o inevitavel prologo das liberdades communs, como se fôra de necessidade esta violenta iniciação, ou o freio de uma rigida tutela se tornára indispensavel ás turbulencias arriscadas da infancia popular!

Nunca a nobreza abandonou de bom grado os seus privilegios, e menos ainda os abusos por esse regime inveterados. Á impressão do espanto succedeu o instincto da resistencia. Nem mesmo a sombra da coroa logrou impor o commedimento.

Todas as classes excepcionalmente favorecidas se mostram prodigas de acatamentos para com as realezas, e se tomam de pio horror á suspeita sequer da minima infracção de etiquetas e formularios, em quanto o solio, esplendor complacente e docil, lhes serve para fazer baixar os olhos curiosos que poderiam tornar-se importunos. Mas estes respeitos interessados, com pasmo geral, bem depressa passam das genuflexões á irreverencia, e da irreverencia ás maximas audacias, se os thronos, esclarecidos ou precautos, ousam dizer-lhes que as suas anormaes e insaciaveis isenções, verdadeiras parasitas sociaes, são atroz offensa ao direito commum, e um permanente damno aos communs interesses.

Com a sua attitude mostrou a nobreza que as innovações do ministro não seriam acceitas sem lucta. D. João Carlos de Bragança, que, pelas primazias do

engenho e dotes da educação, se fizera já bemquisto da fidalguia moça e do povo, pela jerarchia, pelo sangue e nome que o traziam perto do throno, e por isso o faziam menos accessivel ás repressões, parecia talhado, depois dos Marialvas, satisfeitos ou indifferentes, para chefe e centro temivel das opposições aulicas.

Não soçobrava contra quaesquer obstaculos o conde de Oeiras, em quem os nobres de então viam um invasor e um intruso. Bem depressa, apesar de ser quem era, o sr. D. João Carlos recebeu as mais visiveis provas de desagrado do soberano. Morrêra-lhe seu irmão mais velho sem deixar successor. Ia-lhe de direito o titulo e a casa. El-rei negou-lhe a successão no ducado de Lafões. Percebeu e mediu o principe o golpe. Podia reagir, de certo, pois que outros reagiram. Não o fez.

Apreciaria elle, e tacitamente approvaria, os intentos do ministro? Poria magnanimemente acima do pessoal aggravo o beneficio, talvez extrema necessidade, da patria? É possivel, é natural. Dão probabilidade á conjectura as suas tendencias philosophicas, e a luminosa perspicacia do seu espirito, inclinado á ironia, mas benevolo e previdente.

Seja como for, viu bem qual era a sua situação na corte, e, resignando-se sem se abater, pediu licença para sair do reino, a qual, como bem é de suppor, sem custo se lhe concedeu.

Em Inglaterra, aonde foi primeiro residir, frequentava os homens doutos, fortalecendo com o estudo e pratica d'elles o amor á sciencia; e de tal estima chegou a lograr-se, que mereceu a honra insigne de ser nomeado membro da «Sociedade Real de Londres», distincção que acima de todas apreciava, porque d'ella dizia:

— Esta só a mim a devo!

Mas similhantes ocios, com serem deleitosos e instructivos, não eram para quem tambem com o sangue recebêra a inclinação e o culto das armas.

Rebentára a guerra entre a heroica Maria Theresa de Austria e o grande Frederico da Prussia. Inflammava-se a epopéa militar do seculo XVIII, tão brilhante e inesperadamente continuada agora pelos dignos successores do afamado capitão.

Sentiu-se o principe attrahido como soldado, e escolheu como poeta. Estava na sua mão seguir o genio e a fortuna, ou alistar-se pela magestade e desventura. Preferiu esta ultima!

II

Nos campos de Maxen a sorte das armas decide contra a filha de Carlos VI, encerrando a famosa guerra dos sete annos com a paz de Hubertsburgo, e a perda da Silesia, que passa ás mãos do vencedor. O voluntario D. João Carlos de Bragança ficára entre os vencidos, mas saudado o seu denodo e galhardia pelo insuspeito applauso de camaradas e de inimigos, todos egualmente estranhos.

Desoccupado agora, e fechadas ainda as portas da patria, começou o principe uma longa serie de fructuosas viagens, nas quaes o seu claro espirito copiosamente se enriqueceu. Por duas vezes percorreu a Suissa, a Italia e a França. Visitou depois successivamente a Grecia européa, o Egypto, a Thracia, a Phrygia, a Lydia, a Thessalia e a Mesopotamia. Mais ao diante, passando ao norte, discorreu largamente pela Prussia, Polonia, Suecia, Dinamarca e Laponia.

Póde imaginar-se quanto o seu notavel engenho se dilataria n'esta peregrinação intelligente pelo itinerario de tão diversas civilisações, desde os logares cantados por Homero até ás cidades dos primeiros concilios, desde o mysterioso paiz de Osiris até ás nebulosas regiões scandinavas.

Descêra entretanto á sepultura o sr. rei D. José, e com elle caíra o poder e fortuna do marquez de Pombal. A nova situação do reino chamou o principe á patria. Esperavam-n'o os mais altos favores do throno, como para lhe compensar o longo, bem que em certo modo espontaneo, desterro. A graça que no reinado anterior lhe fôra recusada, á sua volta lhe é offerecida. Toma posse do titulo de Lafões, e cinge, em fim, a coroa ducal, occupando um dos primeiros logares aos pés do throno. A sua illustração, a sua experiencia, mais ainda a reputação que fôra da patria grangeára (que esse foi sempre fraco de portuguezes, precisarem ver os seus apreciados dos estranhos para saberem quanto valem), e sobre tudo o valimento que o acolhêra no regresso, davam-lhe incontestada auctoridade e influencia na corte, em tempo em que, a bem dizer, a corte resumia tudo. O seu parecer era com frequencia consultado, e as suas opiniões avidamente escutadas. O uso que, a bem das letras, fez d'este influxo e preeminencia é o seu melhor elogio.

N'aquella nova situação não o abandonára, porém, a picante jovialidade, que lhe era mui notavel feição, e a que porventura devêra já o prolongado exilio. Os ministros da sra. D. Maria I, apesar de seus parciaes, mais de uma vez lhe amargaram o acerbo das ironias, e foram sem misericordia retalhados pelo gume subtil de seus epigrammas.

A elle se attribue este agudo e bem conhecido repente:

Perguntando-lhe um personagem de sangue real, mas pobre de espirito e torto dos olhos:

— Como vae esta politica, duque?

— Como vossa alteza *vê*, respondeu prompta e maliciosamente o espirituoso cortezão.

O favor do throno foi pelo duque aproveitado em dar, com a instituição da real academia, ás sciencias e letras patrias um lustre, impulso e realce, de que ellas, em verdade, bem andavam já necessitadas. N'isto se mostrava elle fiel ás tradições e tendencias da sua utilisada carreira. Do muito que vira e aprendêra, dos mais prestantes exemplos de convivencia e camaradagem litteraria, queria fazer um poderoso instrumento de civilisação para a sua patria; e ninguem mais apropriado para em tal epocha o conseguir, já pela capacidade, já pela elevação. A academia das sciencias de Lisboa, que deve a existencia ao espirito progressivo d'este principe illustrado, deveu-lhe tambem, na qualidade de seu primeiro e zeloso vice-presidente, os elementos iniciaes da sua reputação, decoro e prosperidade. Em menos de um anno a academia achou-se constituida, e pouco depois os volumes das *Memorias*, devidamente coordenadas, levavam ao throno as homenagens da insigne corporação firmadas pelo duque. Se não fôra esse valioso repositorio, teriamos acaso desapparecido da communidade intellectual das nações.

III

Nas cadeiras academicas, em que tanto se aprazia, o vieram encontrar as temerosas tempestades do seculo XVIII.

Baqueiam na Europa os thronos e estrondeiam as armas. A geral commoção ameaça Portugal, dirigido então por mãos pouco peritas para tão aparcelados mares. O exercito hespanhol do Principe da Paz transpõe as fronteiras do Alemtejo. Todos os olhos se fitam na experiencia militar do antigo voluntario de Maria Theresa. O duque é posto á frente dos exercitos portuguezes com o titulo de marechal-general e o cargo de ministro da guerra. Escasseia o tempo e fallecem os recursos. Sem embargo, apesar de já carregado de annos, desenvolve o duque-marechal mui opportuna actividade, procura organisar energicamente a defesa, e mostra haver cursado boa eschola.

O rapido e deploravel desfecho da campanha, e o mallogro de justissimas esperanças, tudo devido a rivalidades, egoismos, intrigas e vindictas, que a historia não puniu ainda com a devida severidade, tornaram mal visto da opinião aquelle periodo fatal do anno de 1801, ficando na sombra os verdadeiros auctores e responsaveis das suas catastrophes. Os brios nacionaes vingaram com o ridiculo as affrontas padecidas. Um testimunho competentissimo, o do general Francisco de Borja Garção Stockler, justificou, porém, brilhantemente o duque-marechal, conservando e publicando nas *Cartas ao auctor da Historia geral da invasão franceza* as idéas que em tão breve prazo elle chegára a formular para o restabelecimento do systema militar do paiz. Theoricamente, eram taes idéas e planos de um capitão consummado nas coisas da guerra. Praticamente, foi dirigida pelo duque em pessoa a unica operação importante que teve logar no Alemtejo, operação por meio da qual salvou o exercito, effectuando habilmente a juncção das suas forças com a divisão ingleza do general Frazer e os regimentos de Lipe e Lisboa, que iam, com alguns esquadrões de cavallaria, em marcha pelo Crato sobre Portalegre.

No mesmo anno ainda, mais quebrado dos recentes desgostos que da edade, retirou-se de todo o duque á vida privada, para acabar em paz entre os seus consocios academicos, deleitando os ultimos annos no commercio das letras, e consolando-se no culto das musas, suas predilectas, das amarguras com que talvez lhe tinham feito expiar na vida publica as duras verdades — de que, posto que em tom affavel e festivo (o que menos perdoam as mediocridades que lhe não chegam), a sua veia satyrica não fôra avara.

Finalmente, na avançada edade de 97 annos, em 1806, despediu-se do mundo o esclarecido principe no meio de geraes saudades, deixando um nome venerado e um duradoiro monumento.

Fôra elle em Portugal a mais brilhante personificação do seculo XVIII, que vira passar quasi inteiro, com as suas grandes tradições e as suas inexplicaveis leviandades, com as suas petulantes audacias e as suas futeis preoccupações, com as suas indifferenças e sarcasmos, com as suas duvidas e incertezas, tu'o resumido na lucta monstruosa, e ainda não terminada, da superstição com a incredulidade.

Passára-lhe tambem debaixo dos olhos o mais variado espectaculo: a Polonia retalhada; a França um dia republicana, no outro imperialista; a Italia presentindo a unidade e estremecendo; a Hespanha assombrando egualmente com o patriotismo e a crueza; a Austria, a Russia, a Prussia, a Inglaterra, baldiadamente colligadas n'um gigantesco esforço contra um homem, só vencido das suas paixões; o passado transformando-se; as sciencias multiplicando-se; a realeza da magestade e a do engenho: Maria Theresa, Frederico e Catharina, Voltaire e Pitt! Presenciára grandes maravilhas e desastres, e descia ao tumulo saudando a aurora do seculo XIX, que dos vapores inflammados do nascente se erguia com a côr sanguinea dos campos de batalha de Iena, como presagiando as mortiferas e repetidas luctas que tem successivamente abalado e continuarão ainda a agitar a Europa, até que as conquistas da liberdade não tenham fronteiras que as separem, e a politica internacional tenha por generica base, não o interesse das côrtes, mas o direito dos povos!

Raras vidas terão sido tão cheias. Poucas vezes colheria a morte um homem notavel no meio de tão notaveis successos!

A academia real das sciencias não foi ingrata ao seu fundador. Quando o esculptor Joaquim Machado de Castro recebeu o diploma de socio correspondente, foi-lhe encommendado o busto do duque para a sala das sessões, onde, com effeito, se collocou.

Ultimamente a academia completou a obra, mandando substituir o pedestal de madeira, que impropriamente supportava aquelle busto, por outro de marmore com a seguinte inscripção:

JOANNIS CAROLI A BRAGANTIA
ALAFONENSIS DUCIS
AVIS EDITI REGIBUS
ANNO SALUTIS MDCCXIX NATI
MDCCCVI DEMORTUI
BELLICA VIRTUTE
MILITARIBUS DISCIPLINIS
OMNIBUS ARTIBUS INGENUIS
DOMI ET APUD EXTERAS GENTES
CLARISSIMI
INGENIORUM FAUTORIS MUNIFICI
HANC EFFIGIEM
OLIM A JOACHIMO MACHADO DE CASTRO SCULPTAM
REGNANTE LUDOVICO I
REGE FERDINANDO II PRAESIDE
REGIA SCIENTIARUM OLYSSIPONENSIS ACADEMIA
TANTI VIRI FUNDATORIS SUI
NON IMMEMOR
HEIC PONENDAM CURAVIT
ANNO MDCCCLXVI

Caldas da Rainha, 28 de julho de 1866.

MENDES LEAL.

A MUSICA

(Conclusão. Vid. pag. 127)

VI

Theatro lyrico em Portugal — Os antigos pateos das comedias — Como só no seculo XVIII houve opera lyrica em Lisboa — Theatro da Trindade — Theatro regio dos Paços da Ribeira — Theatro de Salvaterra — Theatro da Ajuda — Theatros secundarios — Theatro de S. Carlos — Algumas representações lyricas nos theatros de Lisboa — Como os povos meridionaes preferem a opera italiana á musica da eschola allemã.

A opera lyrica, como dissemos, teve a sua origem na Italia, em Florença, no fim do seculo XVI: só, porém, no meiado do XVII é que foi transportada para França pelo cardeal Mazarin. Mais tarde, Lulli creava a opera franceza, em 1672. Foi tambem no seculo XVII que a Allemanha teve o seu primeiro drama lyrico; foi Henrique Schütz o primeiro compositor allemão de que ha noticia. Em 1678 deu-se em Hamburgo a opera *Adão e Eva*, de Theïles.

Em Portugal parece que foi só no seculo XVIII, no anno de 1735, que pela primeira vez se representou a opera lyrica por uma companhia italiana vinda de Madrid, que alugou um theatro junto ao convento da Trindade em Lisboa, sendo emprezario um tal Paghetti.

Os theatros regulares parece datarem só de 1550; anteriormente a esta epocha as representações faziam-se ao ar livre, nas praças, ruas, pateos, etc; d'aqui parece provir o nome de *pateos de comedias*, que se dava aos logares onde se faziam representações.

Os mais antigos pateos de comedias de que ha noticia em Lisboa eram o pateo das Fangas da Farinha [1], perto do local onde se acha hoje o tribunal da Boa-Hora, já arruinado, provavelmente, em 1588, e o pateo da Bitesga ou Mouraria, no local assim designado, onde se representaram varios dramas e comedias de Antonio José da Silva, conhecido com o nome de dr. Judeu, que foi preso pela inquisição e queimado no auto da fé que se executou no campo da Lã (terreiro do Trigo), em 19 de outubro de 1739.

O pateo das Arcas, reconstruido em 1698 depois de um grande incendio, era um dos maiores que teve Lisboa. Estava situado no local onde hoje é a rua Augusta, proximo ao Rocio.

[1] *Archeologia do theatro portuguez*, por J. M. A. Nogueira. *Jornal do Commercio* n. 3736 e seguintes.

O maior theatro de Lisboa era o theatro regio, construido em 1753, nos Paços da Ribeira, por João Carlos Ribeira; o mesmo architecto construiu os theatros dos palacios de Salvaterra e da Ajuda. O theatro da rua dos Condes foi reconstruido em 1770; o do Salitre em 1782. Além d'estes, houve o theatro do Bairro Alto, situado no pateo do conde de Soure, á rua da Rosa; e outro mais recente, do mesmo nome, existia no principio d'este seculo perto de S. Roque.

Foi n'umas casas alugadas defronte do convento da Trindade que pela vez primeira se representou opera italiana em Lisboa. Antigamente, de 1588 até 1762, era o hospital de Todos os Santos, hoje hospital de S. José, que tinha o privilegio de alugar theatros para representações, ou dal-as nos diversos pateos, fazendo de emprezario; foi-lhe isto concedido por Filippe II de Hespanha, durante a dominação castelhana, em 1588. É muito curiosa a historia do uso que o hospital fez d'este privilegio, bem como as peripecias e alternativas por que passou esta administração, o que se póde ver em alguns excellentes artigos que sobre a archeologia do theatro portuguez publicou o sr. Nogueira no *Jornal do Commercio*.

O que parece fóra de dúvida é que Paghetti começou a dar opera italiana no theatro da Trindade em 1735, sem se importar com o hospital, até que este, reclamando a favor da sua antiga concessão, obteve, em 1738, provisão confirmando o amplo privilegio de se não poder representar, sem sua permissão, opera italiana ou outra qualquer em Lisboa; durou isto até 1743, em que lhe foi revogado este privilegio, obtendo em compensação a esmola de 1:300$000 réis. Sendo-lhe feita nova mercê em 1759, finalisou a acção do hospital sobre os theatros em 1762, recebendo até 1833 o subsidio annual de 1:300$000 réis.



Interior da cabeça da estatua

Foi no theatro da Trindade, tambem chamado *academia de musica*, que se realisou, no dia 23 de abril de 1736, um grande sarau musical dado á nobreza do reino de Portugal; executaram-se várias peças de musica escolhida, pelos cantores Helena e Angela Paghetti, Domingos Galletti, Caetano Valleti, etc., sob a direcção do maestro Caetano Maria Schiassi, compositor da camara do principe de Darmstad [1].

No real theatro dos Paços da Ribeira, em Lisboa, para solemnisar os annos da rainha D. Marianna Victoria, representou-se, a 31 de março de 1755, a opera lyrica *Alessandro n'ell Indie*, do maestro David Perez, desempenhada pelos cantores da real camara Caffarelli, Giziello, Raaff, Manzuoli, Balbi, etc. Sete mezes depois era o grande theatro sepultado nas ruinas da espantosa catastrophe de 1 de novembro de 1755.

O celebre Caffarelli, soprano *(castrato)* afamado, que representou no theatro regio e tambem nos outros theatros, foi escripturado para cantor da real camara del-rei D. José pela somma, enorme para aquella epocha, de 72:000 francos, mais de 12:000$000 réis annuaes.

No real theatro de Salvaterra deram-se diversas representações; as principaes foram: em 22 de fevereiro de 1767, a opera *Notte critica*, de Piccini; em 31 de março de 1768, a opera *Solimano*, de David Perez; em 28 de janeiro de 1770, *Il matrimonio per concorso*, de Jomelli; em 25 de janeiro de 1771, a *Semiramide*, de Jomelli; em 4 de janeiro de 1774, *L'inimico delle donne*, de Galuppi.

No real theatro da Ajuda representou-se em 6 de junho de 1773, para solemnisar os annos de D. José I, a opera *Eumene*, de João de Sousa Carvalho; em 19 de março de 1784, *Il ritorno di Tobia*, grande oratoria de Haydn; em 8 de maio de 1785, *Nettuno*, de João de Sousa Carvalho; em 18 de março de 1786, *Esther*, oratoria de Antonio Leal Moreira, e outras de diversos auctores. Para as grandes festas da inauguração da estatua de D. José no terreiro do Paço, que duraram tres dias, 6, 7 e 8 de junho de 1775, representaram-se: no mesmo theatro, no primeiro dia, *Demofoonte*, de Jomelli; no segundo, na sala grande da alfandega, *L'Eroe coronato*, de David Perez; e no ultimo, no tribunal da junta do commercio, *O monumento immortal*, opera em portuguez de João de Sousa Carvalho.

No theatro de Queluz tambem houve representações lyricas; em 5 de julho de 1783 pela primeira vez se representou *Siface e Sofonisba*, opera de Antonio Leal Moreira, para solemnisar os annos de D. Pedro III.

No theatro da Rua dos Condes tambem diversas vezes houve operas lyricas; assim, em 20 de abril de 1774 representou-se pela primeira vez *L'isola d'amore*, de Sacchini, desempenhada por Zamperini, Trebbi, Schettini, etc.; em 18 de maio do mesmo anno foi á scena *L'amore senza malicia*, de Bernardino Ottani, por Zamperini, Trebbi, Folicaldi, etc.

No theatro do Salitre houve por vezes tambem representações lyricas; no principio d'este seculo alli se representaram algumas composições de Marcos Portugal. Modernamente, nos outros theatros, Gymnasio, D. Maria II, D. Fernando, do Circo, etc., algumas vezes tem sido executadas pequenas operetas, operas comicas, etc.

O melhor theatro de Lisboa e um dos bons theatros do mundo, o real theatro de S. Carlos, foi construido á custa dos proprietarios e capitalistas barão de Quintella, Bandeira, Machado, Cruz Sobral, Caldas e Sola, debaixo do risco de José da Costa e Silva. Começado em outubro de 1792, inaugurava-se no dia 30 de junho de 1793 para festejar o nascimento da princeza da Beira, D. Maria Theresa, com a opera *Ballerina amante*, de Cimarosa, desempenhada por Caporalini *(castrato)*, Olivieri, Cazone, etc.

Pena foi que se não concluisse o magnifico edificio, que é muito pobre no que diz respeito a conforto e commodidades do publico e dos artistas; mas no que respeita a solidez, elegancia e sonoridade, é dos mais bellos no seu genero. Quando se pensa na brevidade e economia com que foi feito e no conjuncto de boas qualidades que possue, e se compára com o theatro de D. Maria, que custou mais do dobro, com os seus corredores de madeira, e a sua sala de fórma pouco elegante, sem condições nenhumas de boa acustica, não se póde deixar de condemnar a moderna obra, e de glorificar a do seculo passado.

1 *Ephemerides musicaes*, por T. Om. *Revista dos espectaculos*, 1853-1856.

A sala dos concertos do theatro de S. Carlos abriu-se em 5 de março de 1797, inaugurando-se com a oratoria de Paisiéllo, *La passione di Gesu Christo*, cantada por Angelelli, Longarini, Schira e Tavani. Para o theatro de S. Carlos escreveu Marcos Portugal algumas operas; taes foram: *Il Ritorno di Serse*, representada pela primeira vez em 13 de maio de 1804, escripta para a celebre Catalani, Mombelli, Matteucci, etc.; *Il Triumpho di Gusmano*, representada pela primeira vez em 10 de janeiro de 1810.

Nos primeiros annos teve o theatro de S. Carlos alguns cantores muito celebres, como foram a Catalani e Crescentini; houve, porém, depois uma longa epocha em que só vieram mediocridades a Lisboa, exceptuando a empreza do conde de Farrobo, em 1838, que fez ouvir ao publico lisbonense Bocabadatti, Ferlotti, Conti, Ferretti, Fornasari, Colletti, etc. Modernamente, porém, n'estes ultimos quinze annos, e sobre tudo a partir da administração do theatro pelo governo, temos ouvido os melhores cantores, como são Stoltz, Castellan, Alboni, Tedesco, Fraschini, Mongini, Bartholini, etc. Pena foi que durante um tão



Templo da Gloria em Munich

grande periodo, justamente quando havia maior numero de notabilidades artisticas, no bello tempo de Grisi, Pasta, Malibran, Garcia, e de Rubini, Mario, Lablache, Tamburini, etc., o theatro de Lisboa se conservasse, por assim dizer, estranho ao apogêo da bella execução da divina arte de Euterpe.

Sendo o fim da musica commover, e sendo a emoção dependente da nossa especial organisação, necessariamente o seu influxo ha de ser diverso sobre os differentes individuos, e ha de variar com as epochas e com a edade; assim, um canto que faz excessivamente commover uns, faz adormecer ou aborrecer outros; uma peça de musica que n'uma occasião nos enthusiasma, n'outra deixa-nos indifferente; a musica que n'uma epocha produz certos effeitos sobre as massas populares, n'outras epochas não produz nenhuns ou produz os oppostos. Uns individuos gostam de simples melodias campestres, outros do canto dramatico, outros dos grandes effeitos da harmonia; assim, vemos que no nosso paiz, e em geral nos povos da Europa Meridional, a musica que mais deleita é a que apresenta cantos singelos e expressivos, e em geral a melodia, em quanto os povos do norte mais apreciam a musica complexa da eschola allemã.

FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

MUNICH

SUA ORIGEM E ENGRANDECIMENTO; O ARCO TRIUMPHAL E O TEMPLO DA GLORIA

(Conclusão. Vid. pag. 132)

Entre os mui variados aformoseamentos com que el-rei Luiz I fez de Munich uma das mais lindas cidades não só da Allemanha, mas tambem da Europa, contam-se praças magnificas, formosas alamedas, e bellos jardins e parques.

A uns 2 kilometros da porta da cidade, chamada *Carlsthor*, no fim de uma vasta planicie denominada *Theresienwise* (campo de Theresa) ergue-se sobre uma collina artificial o sumptuoso *templo da Gloria*.

Foi fundado no anno de 1843 por el-rei Luiz I, e segundo o risco do architecto Klenze. Tem de comprimento perto de 77^m, e de altura 20^m. É uma construcção feita no estilo da architectura grega. Como bem se póde ajuizar á vista da nossa gravura, tem a magestosa singeleza dos templos da antiga Grecia. A galeria de columnas que o guarnece por todos os lados é esbelta e grandiosa. São quarenta e oito as columnas, tendo cada uma 8^m de altura. O edificio compõe-se de tres corpos de ordem dorica, e é construido

de marmore do paiz. Os frontões dos dois corpos, que resaltam do lateral, são decorados com excellentes baixos-relêvos de marmore, representando assumptos dos fastos militares da Baviera. Na galeria que lhe serve de vestibulo e no interior estão dispostos os bustos dos homens illustres da Baviera, de todos os cidadãos benemeritos que se tem distinguido pela elevação de talento e pelos fructos do engenho, ou pela coragem do animo e esforço do braço.

São perto de oitenta os bustos, de tamanho mais que natural, esculpidos primorosamente em marmore, collocados sobre pedestaes da mesma qualidade de pedra.

Em frente do *templo da Gloria*, e mui perto d'elle, ergue-se um outro monumento, erigido, não em obsequio dos filhos da Baviera, mas unicamente em honra da mãe patria. É uma estatua collossal de bronze, intitulada *Bavaria*.

Está em pé sobre um pedestal. Com a mão direita empunha uma espada, que aperta de encontro ao peito; e com a esquerda, tendo o braço levantado, segura a coroa de loiro destinada ao vencedor dos inimigos da patria, ou áquelle que mais alto elevar o nome d'ella. A seus pés está um leão, emblema da força e da generosidade.

A estatua tem de altura $19^{m},27$; e todo o monumento, com o pedestal, que é de granito, 30^{m}. O metal, cujo peso é de 2:300 quintaes, proveiu pela maior parte dos canhões tirados do fundo do mar, na bahia de Navarino, depois da celebre batalha em que as armadas ingleza, franceza e russa destruiram a esquadra turca.

Pelo interior d'este colosso de bronze sóbe uma escada, que conduz á parte superior d'elle, a cabeça. Ahi encontra o viajante, para descançar d'essa penosa ascenção, uma camara guarnecida com assentos, e allumiada por duas janellas que derramam abundante luz. Uma d'estas janellas é aberta um pouco mais acima da nuca da estatua, e a outra quasi no alto da cabeça, sobre o lado direito da fronte. Desfructa-se d'estas janellas, ou simples aberturas, extensos panoramas, em que figuram a cidade de Munich, os seus arrabaldes cortados pelo rio Iser, e a famosa cordilheira dos Alpes do Tyrol projectando ao longe no horisonte o seu vulto gigantesco.

A gravura a pag. 148 representa o interior da cabeça da estatua na occasião de ser visitado por duas senhoras.

Foi executada a estatua por *Stiglmayer* e *Miller*, segundo o modêlo feito pelo esculptor *Schwanthaler*.

Como obra de arte, é incontestavel o merecimento d'esta estatua. Quer seja contemplada nas suas fórmas geraes, quer em cada uma das suas partes, achar-se-ha que á correcção do desenho, á graça e nobreza do porte, correspondem a naturalidade e perfeição com que se acham executadas todas as miudezas e accessorios. O leão é egualmente um primor de arte.

Portanto, esta formosa estatua honra sobremaneira os esculptores e fundidores bavaros, e dá uma grande idéa do estado de florescencia das artes na Baviera.

Porém, se a considerarmos como fazendo parte de um monumento, forçoso será confessar que não se guardaram as regras de boa proporção, nem se atteudeu ás condições do terreno. A desproporção em que se acha a estatua, pela sua excessiva grandeza, com o visinho *templo da Gloria*, salta aos olhos no primeiro relancear d'elles. É egualmente desfavoravel a impressão que sente o espectador ao contemplar tão perto de si o vulto descommunal da estatua. Um tal colosso, para produzir bom effeito e ostentar toda a magestade da sua grandeza sem pesar sobre os individuos que o contemplam, requeria um logar muito elevado, e área vasta e desaffrontada, d'onde podesse dominar dilatados horisontes, e onde as vistas do viajante o encarassem afoitamente sem oppressão.

I. de Vilhena Barbosa.

A POESIA DAS TRADIÇÕES

I

A civilisação tende a fazer desapparecer as velhas usanças. A gelada mortalha da uniformidade vae envolvendo os costumes pittorescos dos differentes paizes, que a rede dos caminhos de ferro põe em communicação constante uns com os outros. O velho edificio legendario desaba pedra a pedra, alluido pelo alvião do progresso. D'aqui a pouco, dos antigos costumes peculiares dos differentes povos não existirá nem a sombra, e a humanidade não será mais do que um vasto regimento, uniformisado e disciplinado, manobrando com perfeita regularidade, e recebendo todos os dias pelo telegrapho electrico as ordens do seu coronel, que será n'esse caso a moda parisiense.

Vejo com pena, mas com resignação, esta geral tendencia do espirito do seculo. As conquistas grandiosas, operadas pelo progresso, não se fazem, não se podem fazer gratuitamente. A lei das compensações rege implacavelmente as evoluções da humanidade. As austeras virtudes da primitiva Roma eram amplamente compensadas pela crueza selvagem d'essas epochas. As civicas virtudes que admirâmos no primeiro Bruto occultam, debaixo da mascara bronzea de um patriotismo inflexivel, a ausencia completa de sentimentos paternaes. Entristece-se a humanidade quando folga a republica. Admiremos embora essa raça energica de conquistadores, mas confessemos que pisaram aos pés a justiça e a equidade, e que sacrificaram ao culto idolatra, que á sua patria consagravam, os direitos não menos sagrados dos povos estrangeiros.

O isolamento dos povos e dos individuos nas eras pouco allumiadas pela civilisação origina os praticos e pittorescos usos que desapparecem no rodar do tempo. Essa poesia das lendas, essas doces festas de familia, essas deliciosas tradições, casavam-se inevitavelmente com os horrores do fanatismo, com a estreiteza das aspirações, com o acanhamento da intelligencia. Ao lado do uso poetico havia o costume barbaro, quando muitas vezes essas duas qualidades se não reuniam n'uma usança unica. Oh! realisariamos talvez o ideal da perfectibilidade humana se podessemos unir em abraço estreito a austera poesia do presente com a pittoresca poesia do passado, se a verdade podesse viver ao lado das doces illusões, se podessemos sem anachronismo impossivel juntar o livre e amplo exercicio do pensamento ás devotas e meigas crendices da imaginação popular.

Mas se na vida real essa ligação é inexequivel, em compensação parece-me que a poesia nunca deve desprezar essas fontes de maravilhoso, sem deixar por isso de traduzir as nobres aspirações da geração a que pertence. Enlevo-me com a musa enthusiastica que abre novos horisontes á humanidade, e entôa com jubilo o hymno do futuro; não menos me extasia a musa melancolica que se debruça sobre as ruinas do passado e escuta o echo esmorecido d'essas vozes extinctas. A poesia é para mim como o girasol. Saúda com enthusiasmo o astro nascente, mas presta o seu tributo de saudade ao monarcha dos ceos, que apaga nas ondas a sua coroa de fogo. Estatua de Memnon, o sol das novas eras desperta-lhe a voz harmoniosa; harpa eolia, a brisa da noite dos tempos murmura nas

suas cordas o hymno das tristezas. E assim cumpre a poesia a sua dupla missão; iniciadora e consoladora, abre com a dupla chave de oiro as portas do templo do porvir e as do mysterioso sanctuario do passado, incute as esperanças e zela as tradições, e, accrescentando a cada instante novas paginas ao livro do ideal, sem por isso rasgar as precedentes, vae de seculo em seculo avolumando a sua *Iliada* do bello, composta por infinitos rapsodas, que se condensam n'esse Homero gigante que se chama humanidade!

II

A poesia, pois, não morre nem ha de morrer. Transforma-se conforme as exigencias das differentes epochas, mas ergue sempre acima dos ruidos mundanos a sua fronte coroada de estrellas. Foi umas vezes poesia guerreira, outras vezes poesia religiosa, depois poesia humanitaria. Póde adorar a espada, a cruz ou a ferramenta do trabalho. Póde folgar nos acampamentos, no templo, ou na officina e na eschola. E ainda quando chegasse uma epocha em que o poeta debalde procurasse em torno de si uma inspiração, em que a prosa reinasse como senhora absoluta, sempre lhe restaria o seio fecundo e vasto da natureza, e o oceano immenso do passado onde se podesse engolphar scismadora a musa das saudades. O poeta é contemporaneo de todos os seculos, e nada o impede de abstrahir do presente e de se embevecer na contemplação das eras inspiradoras. Direi mais ainda, e releve-se-me o paradoxo. As epochas de prosa são aquellas em que a poesia é mais brilhante. Então o poeta isola-se do mundo e refugia-se, livre de peias, no seu eremiterio querido. Como nas eras em que o mundo romano se estorcia n'um delirio de voluptuosidade sobre o leito immundo dos seus prazeres torpissimos, os homens de Deus fugiam do seio d'essa corrupta sociedade, e se escondiam nos piedosos ermos da Thebaida, onde as suas virtudes se ostentavam com incomparavel fulgor, assim, quando o mundo se revolver nos atoleiros da prosa, encontrará a poesia novo brilho na soledade.

Desenganemo-nos; a poesia viveu sempre e sempre ha de viver, muito principalmente, do passado. As crenças, as instituições, os costumes, não tomam um aspecto verdadeiramente poetico senão quando desapparecem do mundo e se refugiam n'essa vaga bruma do preterito. São como os edificios que só são verdadeiramente bellos aos olhos do poeta quando a mão do tempo enrola a hera nos fustes das columnas troncadas, desgasta as esculpturas, e vae poisar nas cornijas meio derrocadas os ninhos das andorinhas. A imaginação compraz-se em reconstruir o palacio ou templo arruinado, mil vezes mais bello que elle na realidade fôra. Roma, no tempo do seu maior esplendor, possuiria acaso a austera poesia que hoje possue com o seu Colyseu desmantellado, com o seu agro e melancolico deserto? Palmyra, Balbek, povoadas pelas gerações que as ergueram, seriam tão inspiradoras como são actualmente, agora que surgem no meio dos vastos ermos da Syria, como esqueletos gigantes, aos olhos do viajante maravilhado?

O mesmo succederá ás crenças e ás instituições. Nunca ellas tem um tão delicioso sabor como quando se vão esvaindo no espirito do povo, e vão exhalando os seus ultimos aromas, que a urna de oiro da poesia devotamente colhe. Lancem os olhos para a historia e verão isso mesmo. Ovidio escreve os seus admiraveis *Fastos* quando a mythologia quasi já não tem crentes sinceros; a poesia da edade média só foi apreciada e conhecida seculos depois. O mesmo succede aos homens e aos acontecimentos. A poesia gigante da epopéa imperial de Bonaparte só encontrou quem a comprehendesse quando expirou o ultimo echo do clarim de Austerlitz. Esse vulto legendario, que se chama Garibaldi, só pelos nossos filhos será elevado á altura épica que lhe pertence incontestavelmente.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 143)

O escudeiro levantou a tapeçaria, entrou no quarto de seu amo, e pouco depois saiu dizendo ao pagem que podia ir á presença do conde.

Ramiro entrou então no quarto do conde e demorou-se alli uma hora. Quando o pagem saiu dirigiu-se logo ao palacio do infante.

O conde chamou o seu escudeiro:

— Sem perder um instante, irás ao Pardo, disse-lhe, e alli...

E fallou ao ouvido do criado. Só depois veiu a saber-se o que lhe determinou.

. . . .

Na madrugada do dia seguinte o pagem e os monteiros esperavam o infante no pateo do palacio. Os cavallos estavam sellados, os cães impacientes, e tudo preparado para se pôr em movimento á primeira indicação do augusto caçador.

Não se fez esperar muito a ordem de partida, e a comitiva dirigiu-se ás cinco horas pela estrada que leva ao Pardo.

Por volta das seis horas ainda a atmosphera estava embaciada pela neblina da noite antecedente. Os raios do sol, que principiavam a assomar no Oriente, annunciavam, comtudo, que o dia seria bello, e este primeiro favor que a natureza concedia ao moço infante fez-lhe experimentar uma secreta felicidade.

Caçar muito era então o seu maior e unico desejo.

Sem descerrar os labios, levando á esquerda o pagem, e seguido dos seis monteiros e dos criados com as matilhas, continuou avançando por um caminho arido. Só de espaço a espaço se viam arvores séccas e mutiladas pelo machado do rachador. Á proporção que avançavam augmentavam, porém, as arvores, começando a divisar-se ao longe o bosque, embora não fosse com o esplendor que podia apresentar nos aprazíveis dias da primavera.

Passada uma hora, fizeram alto na residencia real, almoçaram, e ás oito horas começou a batida.

Os leitores conhecem, de certo, a agradavel commoção das caçadas, commoção a que geralmente se chama prazer.

O poder do homem sobre as feras dos montes; a lucta que antecede um triumpho inebriante, em que o caçador, sem explical-o, respira com a satisfação dos heroes; a agitação, a anciedade e a febre que se apodera do que submette o animal, do que o incita, do que o persegue; os gritos dos que o espantam; o som da bozina, que, como faisca electrica, alcança os caçadores, e os dispõe a descarregar o golpe sobre a peça cuja proximidade lhes annunciam; estas inquietações, estas sopresas, estes sobresaltos e estas commoções, fazem das caçadas uma das paixões que offerecem mais variedade e prazer. O caçador, com os seus triumphos, esquece por um instante que está sujeito ás leis da sociedade, julga-se typo verdadeiro da obra primitiva de Deus, e verdadeiro rei da natureza.

Os monteiros cumpriram com o seu dever. Ás tres horas da tarde tinham já morto algumas rezes, e o infante achava-se realmente feliz. Mas no meio da sua espontanea e viva satisfação tinha um pezar. Passára um formoso veado á sua vista, apontára-lhe, disparára contra elle, e ferira-o de certo; mas o animal, sem deixar a carreira em que ia, occultára-se

no fundo da montanha, e criados e cães haviam-lhe perdido a pista. Isto inquietava o infante.

— Onde se terá escondido? perguntou com anciedade aos monteiros. O ferimento que lhe fiz não podia deixal-o muito tempo com vida... Talvez passassemos agora junto d'elle sem o ver.

— E o veado era formoso, meu senhor! disse Ramiro. Valia a pena que nos esforçassemos por encontral-o.

— É o que eu desejava. Vamos por aqui e depois...

— Depois, se vossa alteza m'o consente, acompanhal-o-hei.

— Iremos todos, disse D. Fernando.

Duas horas depois, o infante, o pagem e os monteiros procuravam em todos os torcicolos e guaridas da montanha o veado que d'aquelle modo excitára o desejo do augusto caçador.

O veado não apparecia, e porque já sobreviera a noite e o infante não quizesse voltar ao palacio sem a presa, ordenou que os criados e monteiros fossem por diversas sendas para explorar o monte.

D. Fernando, por sua parte, depois de indicar o ponto em que todos deviam reunir-se, dirigiu-se para um sitio ao acaso.

Andou uma porção do terreno, e chegando á proeminencia que este formava, deparou-se-lhe um estranho, que subitamente o deteve assustando-o; mas, passada a primeira commoção, dispoz-se a seguir o caminho, sem fazer caso do que víra. Era um ermitão de rosto enxuto, olhos encovados e brilhantes como carbunculos. A penitencia e o jejum tinham-lhe deixado no rosto os vestigios da morte. Era tudo repugnante n'elle: os andrajos e a figura. Inspirava dó e horror.

— Senhor... disse com accentuação fraca e sepulchral, pondo-se ante o cavallo de D. Fernando; senhor, demore-se um instante, oiça a voz do ceo que vae fallar-lhe por minha boca, escute os avisos da prudencia e os conselhos da sabedoria.

— Quem é? perguntou-lhe o infante; como se acha n'este sitio?

— Um ermitão, senhor, um pobre peccador arrependido, que só no derramamento do bem é que encontra consolação.

— E que pretende referir-me?

— Noticia mui agradavel, meu senhor.

— Ouvil-a-hei.

— Saberá vossa alteza que o ceo quer confiar-lhe a coroa de Castella. Debalde seu avô procurou impedil-o renovando o testamento para legar esse throno a seu irmão; contra os altos designios não ha poder na terra, e o sceptro que hoje conservam para D. Carlos dará, nas augustas mãos de vossa alteza, dias de esplendor á patria. Não desanime, senhor, pois não podem intimidal-o as difficuldades; a nação prefere-o e venera-o já; os nobres que cercam e veneram vossa alteza hão de defendel-o, e vigiarão por sua segurança e pela independencia do reino. Confie n'elles, que são fieis a vossa alteza; siga os seus conselhos; preparese para disputar ao principe D. Carlos e ao mundo, se for mister, um direito que lhe pertence. Se for preciso combater, confie em que a sorte das armas o favorecerá. Á voz de vossa alteza, Castella armar-se-ha de um a outro extremo, combaterá ao seu lado, e, quando triumpharem o direito e a justiça, vossa alteza terá conquistado ao mesmo tempo a coroa mais esplendente do universo.

Ouvia enlevado o infante as palavras que julgava propheticas, pelo estranho e mysterioso aspecto do que as proferíra, e que lisongeavam o seu amor proprio e a nascente ambição pessoal.

O ermitão continuou:

— Deus que lhe deixa entrever esta felicidade, Deus que o protege d'este modo, exige a gratidão de vossa alteza, que não se negue a satisfazer as prescripções do Altissimo. Concedendo-se-lhe o beneficio, não o rejeite vossa alteza, mas faça por tornar-se digno d'elle. Se não cumprir as ordens que, em nome de Deus, vim dar a vossa alteza, accrescentou o ermitão com voz mais lugubre, ainda nos tornaremos a ver, porém não será na terra.

Estas ultimas palavras fizeram notavel impressão no mancebo; perturbou-se-lhe a vista e ficou como petrificado. Comprehendendo a terrivel lucta que teria com seu irmão, horrorisou-se como de outras vezes; e ao abrir os olhos, ou, antes, ao dissiparem-se d'elles as nuvens que os cobriam, procurou o ermitão e não o encontrou.

Mais assustado ainda com a sua desapparição, tocou a bozina, e, pouco a pouco, vieram ao encontro do infante o pagem, os monteiros e os criados, que andavam dispersos no monte. Referiu a todos a singular occurrencia, e então não foi o veado, mas o ermitão, que desejou encontrar.

O pagem fallou-lhe ao ouvido:

— Não o encontrará meu senhor... eu, apesar da grande distancia em que estava, vi-o, e pude reconhecel-o. Quando vossa alteza determinar, sairemos uma noite do palacio e leval-o-hei a um sitio onde o encontraremos. Deseja-o?

— Desejo, sim... iremos ámanhã.

— Já esta noite, se vossa alteza quizer.

— Esta noite... voltaremos para isso a Madrid.

Dadas as ordens necessarias, os monteiros e os criados seguiram o infante.

Começava a fechar a noite. D. Fernando e o seu sequito caminhavam em silencio.

O neto dos reis catholicos suspirava de vez em quando e parecia estar summamente inquieto.

Ramiro observava-o, e um sorriso malicioso se lhe desenhava nos labios ao soprender no rosto do mancebo os pensamentos que lhe povoavam a mente.

Pensava D. Fernando que em toda a parte o perseguia a idéa de recuperar o que lhe tirára o testamento de seu avô; pensava que ser rei de uma nação como Castella era uma gloria e uma honra suprema; pensava que todos o aconselhavam a que intentasse disputar ao irmão o direito em que se fundára para dictar de Flandres ordens aos governadores da Hespanha; porém ao mesmo tempo pensava que nas veias do principe D. Carlos corria o seu proprio sangue, que elle era o primogenito, e o escolhido pela derradeira vontade do soberano catholico para lhe succeder no throno; pensava que as suas inclinações e o seu genio o impelliam para outro caminho; queria e não queria ouvir as prophecias e os prognosticos, os augurios e os conselhos dos que o serviam; e n'esta dúvida, n'esta alternativa, n'esta incerteza, commovido sem saber por quê, pois, não obstante a sua intelligencia desenvolvida, carecia de experiencia para conhecer o valor dos perigos, desejava tornar a ver o ermitão e receava d'elle; tudo era, em fim, para o moço infante confusão, receio e descontentamento.

— Nem nas horas de recreio me deixam os que mais me prezam, segundo dizem, e os que mais me mortificam, segundo vejo, raciocinava para si.

Chegaram ao palacio já de dia. Novo dissabor esperava o infante. O seu mestre, desgostoso porque saíra sem lh'o mandar dizer, estava disposto a reprehendel-o como se reprehendem os principes, com o maior respeito, sem dúvida, mas no fundo todas as reprehensões são a mesma coisa. N'esta situação, decidiu-se D. Fernando a tomar um partido extremo.

— Ramiro, disse ao pagem em segredo, esta noite ás Ave-Marias irei ter comtigo onde indicares.

— Não se arrependerá vossa alteza, respondeu o pagem... Sairemos sem que nos vejam, e voltaremos logo.

O infante ficou só na camara com Gonçalo Nunez de Gusmão.

(Continúa) B. A.